

**ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES: DESDE E DESDE DE AMPLIA
CONHECIMENTO DA LÍNGUA EM USO**

Jane Silva dos Anjos (UESB)

auasca@hotmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

adavgvstvm@gmail.com

RESUMO

As gramáticas normativas trazem uma gama restrita de conhecimento a respeito das preposições, limita-se em conceitos à luz da Morfologia, e indica regras de regência no estudo da Sintaxe. O ensino de Língua Portuguesa é limitado a uma lista de preposições e a formação por composição e contração. Este artigo visa realizar uma análise da preposição *desde* e *desde de*, tendo como *corpora* de investigação o Português Popular e o Português Culto da cidade de Vitória da Conquista-BA, assim, ampliar o conhecimento de língua tendo a preposição em uso como objeto de estudo. Através da Sócio-História é possível conhecer a história social da língua portuguesa, submetendo a um estudo sistemático da preposição *desde* e suas variações, e, para este fim, perfazendo o percurso histórico da mesma: com as preposições latinas *de* e *ex*, que deram origem a *desde*, até a sua consolidação na língua românica que corresponde à forma como a conhecemos, *desde*. Como aporte teórico, utilizamos a teoria funcionalista com enfoque no estudo do processo de gramaticalização sofrido pelas preposições *desde* e *desde de* e à Sociolinguística, na qual nos baseamos para as abordagens dos aspectos extralinguísticos presentes nos *corpora* e nos princípios da mudança linguística.

Palavras-chave:

Preposição. Gramática. Uso.

ABSTRACT

Normative grammars bring a restricted range of knowledge about prepositions, are limited to concepts in the light of Morphology, and indicate regency rules in the study of Syntax. Teaching Portuguese is limited to a list of prepositions and formation by composition and contraction. This article aims to carry out an analysis of the preposition *desde* and *desde de*, having as research *corpora* the Popular Portuguese and the Cult Portuguese of the city of Vitória da Conquista-BA, thus expanding the knowledge of the language having the preposition in use as an object of study. Through Socio-History it is possible to know the social history of the Portuguese language, submitting to a systematic study of the preposition *desde* and its variations, and, for this purpose, making the historical course of the same: with the Latin prepositions *de* and *ex*, which gave rise to origin and *desde*, until its consolidation in the Romance language that corresponds to the way we know it, *desde*. As a theoretical contribution, we use the functionalist theory with a focus on the study of the grammaticalization process suffered by the prepositions *desde* and *desde de* Sociolinguistics, on which we base ourselves for the approaches of the extralinguistic aspects present in *corpora* and in the principles of linguistic change.

Keywords:
Preposition. Grammar. Use.

1. Introdução

Este artigo trata do estudo da preposição *desde* e de sua variante *desde de*, tendo em vista as normas do português popular e culto do falar conquistense, as variações e mudanças linguísticas ocorridas no uso dessas preposições. As preposições, geralmente, recebem um estudo bem superficial no ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no tocante à Morfologia. Esta análise aprofundada reserva uma preposição de uso menos frequente, *desde*, e através da Sócio-História, bem como das diversas visões trazidas pela Gramática Normativa, a Gramática de Usos e a Gramática de Texto, procura-se evidenciar que as preposições são indispensáveis para o funcionamento da língua.

No que tange à organização do trabalho, esta ocorrerá da seguinte maneira: o artigo será estruturado em sete seções. A primeira é esta que contém introdução, que aponta o objeto de estudo e os caminhos tomados neste estudo. A segunda seção com a parte histórica, ou seja, as preposições no tempo e no espaço. A terceira explicita o que dizem as gramáticas normativas e de que modo a preposição *desde* vai quebrando o paradigma formal. A quarta seção apresenta os aportes teóricos do Funcionalismo e da Sociolinguística. A quinta traz os procedimentos metodológicos. A sexta mostra a análise de dados. E a última com as considerações finais.

Compreendendo a necessidade deste estudo, entende-se que tal pesquisa torna-se um verdadeiro contributo para os estudos linguísticos do vernáculo da cidade de Vitória da Conquista-BA, uma vez que, caracteriza o uso de uma preposição específica, além de focalizar por meio da história a variação e posteriormente uma possível mudança linguística. Tal mudança envolve elementos sociais, sendo esses capazes de criar um novo vocábulo que se torna prescindível na construção linguística.

2. Sócio-história da preposição *desde*

As preposições assim como outros vocábulos da língua portuguesa são constituídas por processos de formação, estando localizadas num dado tempo e espaço. E com a preposição *desde* não teria o porquê de ser diferente.

A preposição *desde* é um morfema da língua portuguesa constituído por três morfemas românicos. Distintamente de outras preposições consideradas essenciais, a preposição *desde* não veio pronta do latim, dessa maneira, o que temos é fruto da mudança linguística ou reconfiguração de preposições.

No latim, as preposições utilizadas eram *de* e/ou *ex*. Passando para o português arcaico, a preposição *de* era seguida pela preposição *ex* resultando em *des*. E por sua vez, no português moderno havia a reunião da preposição *des* à preposição *de* até chegar à forma que conhecemos nos dias atuais (de *ex < des de < desde*).

A preposição latina *de* possuía um valor mais prototípico que dava conta da procedência pela parte superior (vindo de fora), enquanto o menos prototípico se referia à noção contrária. Na Vulgata, a saber, em São Jerônimo a preposição *de* pode indicar algo que vem de fora, de longe, aproximando-se, portanto, de *ex*.

A Gramática de Port-Royal utilizou de critérios funcionais e semânticos para compreender a natureza das preposições. Segundo Rubio (1976), a partir das frases podem ser retiradas algumas lições: uma delas é que havia um *continuum* de sentidos atribuídos ao uso da preposição latina *de*, e tais usos estavam condicionados aos fatores linguísticos como contexto, mas também estavam condicionados aos fatores não linguísticos ou extralinguísticos como a origem do autor (Virgílio, Ovídio, São Jerônimo).

Neste viés, considerando os sentidos atribuídos à preposição e aos fatores linguísticos e extralinguísticos, iremos apresentar a concepção de Maia (1986) e Machado (1967), bem como se valer de dicionários para realizar o referido estudo.

Para Maia (1986), a passagem de *des* para *desde* sofre uma clara influência de duas forças, sendo estas de ordem linguística e social. De ordem linguística, pela influência de “*antes de*” e “*depois de*”, visto que “*de ex*” passaria para “*des de*” resultando em *desde*. Já de ordem social, porque *des* começou a ser visto como um resquício do meio rural para o meio urbano, o que levaria a ser visualizado como forma popular e como tal estigmatizada⁴⁷.

Já Machado (1967, p. 793-94), observa que o *des* apesar de ser um

⁴⁷ O Galego atualmente generalizou a forma **desde**, mas ainda permite *des* em *desque* (MAIA, 1986).

resquício, possui a forma *desde que* tida como errônea pelos escritores laureados, sendo aconselhado, portanto, evitá-la e substituí-la por *desque*. Conforme D. Duarte o *desde* seria criação legitimamente portuguesa, baseado nas formas latinas *de* e *ex*, já que *desde* não se encontra nem no Latim Vulgar, nem nas outras línguas românicas.

Por sua vez, nos dicionários do século XIII, como o de Bluteau (1712, p. 123), o *desde* é apresentado como uma partícula que situa o referente no tempo e no espaço, demarcando assim a distância. Uma acepção que será repetida nas edições sucessivas do *Dicionário de Antônio Morais Silva*, cuja edição de 1918 afirmara que “(...) termo (que denota) donde se mede, ou determina algum espaço, servido de baliza ou metro e época a coisa significada pelo nome que se lhe segue” (SILVA, 1918, p. 20).

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), a origem de *desde* é confirmada a partir de ([*de* + *ex*] > *des* + [*de*] *desde*). Sendo inegável que *desde* passou a assumir um dos sentidos da preposição *de*, especializando-se em indicar o “(...) movimento de afastamento de dado limite” (HOUAISS, 2001, p. 973), antepondo-se, a vocábulos, a sintagmas e a orações, estabelecendo desse modo, uma relação dita subordinante.

Quanto aos sentidos atribuíveis ao *desde*, temos: movimento ou extensão com relação a um dado ponto no espaço; movimento ou extensão a partir de um determinado tempo e ordem gradativa.

Por meio desses sentidos é possível perceber a mudança gradual na forma, o que indica mudança de sentido, tornando a preposição *desde* menos gramaticalizada para uma forma mais gramaticalizada, tendo assim um *cline* semântico-funcional presente na forma. Segundo Hopper e Traugott (2003, p.6) esse *cline* estaria relacionado não à mudança de categorias, mas a uma série de transições graduais. Sem mencionar, elementos sociais que interferem na língua e faz com que haja mudanças no decorrer do tempo. Falaremos mais especificamente sobre esses aspectos na seção seguinte intitulada *Funcionalismo e Sociolinguística*.

3. O que dizem as gramáticas

As gramáticas normativas levam em consideração prioritariamente a linguagem escrita, principalmente no que corresponde à Literatura Clássica, visto que nela se encontram os bons exemplos de usos autorizados. Recorrer à tradição gramatical é, portanto, verificar o que o cânone da

língua prescreve como bom uso e como tal torna-se elemento balizador para o ensino e até para o surgimento de estereótipos linguístico-culturais.

Inicialmente, a preposição *desde* vem quebrar de certo modo o paradigma formal proposto pela tradição de que as preposições devam ter antecedentes. Tal como um advérbio, a preposição *desde* pode ou não possuir o alegado antecedente esperado ou preceituado pela tradição, o que poderia ser um resquício da época em que fora uma locução.

O sentido primeiro de *desde* relaciona essa preposição ao espaço. A ideia de ponto de partida no espaço pode ser claramente vista ao analisarmos exemplos de uso da preposição *desde*: *Veio a pé desde sua casa.* (┆ desde →); *A multidão se estendia desde o centro até a periferia da cidade.* (desde → até ┆).

Em relação à ideia de tempo expressa pela preposição *desde*, podemos perceber que ela corresponde a “a partir de”, “a datar de”: *Desde ontem até hoje*; *Desde que horas você está aí?*

A gradação (Cf. HOUAISS, 2001) ou a continuidade (Cf. CARNEIRO, 1957) expressa pela preposição *desde* é uma das funções que essa preposição explicita advinda da sua composição pela preposição “de”. Ambos os autores asseveram que nessa relação de gradação ou continuidade a presença de “até” ou de “a” é elemento limitador ou de “acabamento” (Cf. CARNEIRO, 1957, p. 422), como indicam os exemplos abaixo: *Estavam lá desde [de] ministros aos mais humildes funcionários*; *Desde[Do] o mais alto ao mais baixo*; *Tentou tudo, desde [da] a calúnia até o suborno.*

Vemos, ainda, que em tal sentido a preposição *desde* se configura como um advérbio. O mesmo ocorre quando a preposição se torna base para locução conjuncional (*desde que*, *desde quando*), e os valores podem agregar novos valores (nuances ou matizes) como condição, causa e ironia.

Para Cunha e Cintra (1985), *desde* passou a destacar o ponto de partida (intensivo da preposição *de*), uma espécie de função espacial extensiva daquela preposição. Assim, *desde* formaria com a palavra que lhe sucede um todo indissociável, perdendo sua mera função relacional para assumir, mesmo com a ideia de lugar, um todo significativo, in casu, intensivo, outra forma de interpretar o valor gradativo (Cf. HOUAISS, 2001) ou continuativo (Cf. CARNEIRO, 1957).

A Gramática de Usos de Maria Helena de Moura Neves abre um amplo caminho para reflexões. Inicialmente, Neves (2001, p. 18) contraria em seu discurso aquilo que postulam os dicionários em relação às preposições. Segundo a pesquisadora, os dicionários, em suas entradas, afirmam que as preposições possuem diversos sentidos, o mesmo tratamento que dá, por exemplo, aos nomes. A juízo de Neves (2001), uma preposição precisa ser vista na esfera das relações e dos processos. Postula, portanto, que sejam observados, na descrição das preposições enquanto relações e processos, os seguintes itens: a) Significado unitário; b) Natureza dos dois termos em relação; c) Relação sintática entre o antecedente e o consequente; d) Traços semânticos dos dois termos em relação e a relação semântica estabelecida.

Em aditamento às reflexões expostas, devemos acrescentar que Castilho (2010, p. 597) reconhece inicialmente que a preposição desde tal qual “de” e a locução “a partir de” atuam como indicadoras de ponto inicial, a origem, quer em seu aspecto espacial quer em seu aspecto temporal. Em estudo anterior (2001), agora feito com Ilari, os dois pesquisadores afirmam que o sentido original de desde é espacial, mas que seu emprego se estendeu ao tempo, como é comum a outras preposições e que tal extensão de sentido se dera por metáfora: *Estou na rua desde ontem.* (┆ desde →).

O exemplo arrolado pelos autores é de relevância para demonstrar a premência manutenção de desde a despeito de ela (a preposição) poder em diversos casos ser substituída por “de”, “a partir de” e “a contar de”. Vemos que a preposição desde não poderia ser simplesmente substituída pela preposição “de” e para forçar-lhe a equivalência o utente precisaria de uma locução prepositiva, formada de elementos de continuidade, como a preposição “a” e os verbos “partir/contar”.

Por fim, Vilela e Koch (2001) discutem os valores das preposições e, para tanto, usam uma metáfora que julgamos pertinente à descrição. Para eles, o valor da preposição encontra-se “diluído” e nesse sentido há preposições que ficam “incolores” quando são exigidas por verbos, por substantivos, por adjetivos ou por advérbios. Tal situação levaria à necessidade de formarem elementos estruturais mais consistentes, num processo de adjunção, como ocorre, segundo os autores, com a preposição desde que se junta na estrutura frasal a “até”: (┆ desde → até ┆), ou seja, num novo cline semântico-funcional. Vilela e Koch (2001) reconhecem que os valores das preposições não são fixos, mas que os sentidos vão ser arrastados pelos substantivos e pelos adjetivos, levando-as a

um domínio temporal, local ou até a valores abstratos.

Algumas preposições especializaram-se na expressão de uma relação, mas a maior parte das preposições são polissêmicas, ou servem de suporte à sinonímia. Nesse sentido, a preposição “de” poderia indicar origem, mas teve que “dividir” tal valor com o desde. Por outro lado, desde pode ser substituído por de, especialmente nos casos de (\vdash desde \rightarrow até \dashv). Além disso, para os autores, é legítimo que a gradação do movimento ocorra se partimos de um ponto de vista onomasiológico, como no caso do movimento: *Vou até Lisboa; Vou a Lisboa; Vou para Lisboa; Venho de Lisboa; Falo desde Lisboa.*

Afirmam contundentemente que tais preposições apresentam um “movimento”, mas com especificações sêmicas, o que confirmaria o aspecto diluído da noção de movimento (Cf. VILELA; KOCH, 2001, p. 256). No caso específico da preposição desde, a semântica explica que tais preposições que indicam tempo se entrecruzam com outros elementos para exprimir o domínio nocional em várias modalidades.

Estudos recentes (Cf. NEVES, 2000; ILARI; CASTILHO, 2001; CASTILHO, 2010; VILELA; KOCH, 2001) reconhecem que elas têm um sentido mais amplo e, portanto, uma maior variabilidade de uso. Ao contrário das gramáticas tradicionais que tendem a enquadrar as preposições em conjuntos, a abordagem Linguística visa a analisar as preposições individualmente, porém, sem deixar de ressaltar a importância das categorias para o reconhecimento das preposições.

Não poderíamos finalizar esta seção sem fazer referência ao estudo feito por Martelotta (2010) para quem, ao analisar a noção categorial metafórica, presente também na preposição desde, observar que “para expressar funções abstratas, são recrutadas entidades concretas” em que se justifica por um princípio básico para estruturar noções cognitivas: o princípio da exploração de velhos meios para novas funções (Cf. MARTELOTTA, 2010, p. 52-3). O processo de mudança linguística sofrida pela preposição desde, os clines semântico-funcionais e a unidirecionalidade apontam a gramaticalização sofrida.

4. Funcionalismo e Sociolinguística

Conforme um estudo realizado por Castilho (2012), o funcionalismo estaria centrado numa perspectiva de linguagem a ser compreendi-

da em sua interação social, dando-se enfoque aos eventos reais de fala. Dessa forma, a língua se constitui de um instrumento de comunicação que serve para descrever e analisar como as pessoas falam em situações reais e não em situações presumíveis, levando assim ao pesquisador a traçar a competência comunicativa dos falantes.

A competência comunicativa é muito importante na construção e interpretação das estruturas linguísticas, pois por meio dela o falante é capaz de dominar não somente a gramática de sua língua, mas também saber quando falar e quando não falar, bem como qual variedade utilizar numa dada situação comunicativa. Nesse sentido, “(...) a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa” (CUNHA *et al.*, 2003, p. 29).

Ao tratar dessa Linguística funcional, cabe nos atentar para o processo de gramaticalização. A gramaticalização dentro do Funcionalismo estuda a difusão linguística da mudança, que espalha de forma gradual, relacionando os fenômenos linguísticos ao uso dentro da sociedade.

Com a intenção de verificar o indício de gramaticalização, Hopper (1993) propõe cinco princípios para o enquadramento de determinado vocábulo, sendo estes: princípio da divergência, princípio da especialização, princípio da persistência, princípio da estratificação, e por fim, princípio da categorização. Contudo, neste estudo, será utilizado apenas os três primeiros princípios.

No princípio da divergência a forma lexical que ocasiona o processo de gramaticalização se mantém como elemento autônomo, preservando as propriedades originais, porém, estando passível de sofrer novos processos de gramaticalização. Hopper (1991) acredita que tal item pode estar sujeito a qualquer mudança, inclusive a novo processo de gramaticalização, visto que o item preservado entra em divergência em relação ao item gramaticalizado que o originou, sendo isto observado no organograma (fig.1).

Esse organograma evidencia o percurso evolutivo do nosso objeto de estudo, ou seja, da proposição *desde* e de sua variante *desde de*.

Figura 1: Percurso evolutivo da preposição *desde*.



Fonte: Elaboração própria.

Conforme organograma, pode ser verificado que há divergência nas formas *desde de* com a forma canônica *desde*. Assim sendo, podemos supor que esta encontra-se em processo de ocorrer uma nova gramaticalização.

No princípio da especialização ocorre um estreitamento da escolha, sendo isto verificado através da forma *desde de*. *Desde de* é a forma especializada da preposição *desde* e por esse motivo estreita o direcionamento de variados sentidos, tais como, espaço, tempo e noção, para apenas o sentido de tempo.

No princípio da persistência há a permanência de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada. O item original continua o mesmo, embora a forma tenha passado pelo processo de gramaticalização se aderindo à forma gramaticalizada. No organograma que foi ilustrado, pode ser observado que preposição *desde* mesmo passando por um processo de variação e posteriormente mudança, insiste em manter a ideia original das preposições latinas de movimento que lhe deram origem, quer seja de espaço ou tempo.

Após a explanação sobre a teoria funcionalista, vamos recorrer agora para a teoria da Sociolinguística, considerando suas contribuições tanto nos estudos referentes à linguagem, como também no processo investigativo das preposições em estudo.

A Sociolinguística é um ramo da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades. Por esse motivo, conforme Silva-Corvalán (2001), partindo de uma perspectiva laboviana, por comunidade, ou melhor, “comunidade linguística”, entende-se um conjunto de indivíduos

que compartilham “regras” que regulam a conduta linguística em distintas situações.

Nesse sentido, a Sociolinguística acaba priorizando uma estrutura linguística correlacionada aos fatores sociais e extralinguísticos, visto que a língua possui uma gramática constituída por regras variáveis, tornando possível assim sua descrição e a inter-relação entre os elementos internos e externos.

Para que aconteça tal descrição e inter-relação, a Sociolinguística dispõe de abordagens capazes de relacionar teoria a dados empíricos. Através desses dados, pode ser verificado problemas de mudança, cujas respostas são importantes para a Sociolinguística. Sendo alguns destes problemas, os seguintes: encaixamento e transição.

Conforme Lucchesi (2004), o qual interpreta Labov (2006 [1972]), o encaixamento estaria relacionado a ideia dos fenômenos linguísticos que podem se encaixar ou inter-relacionar a outros fatores linguísticos, estilísticos e sociais.

Verticalizando o pensamento de Lucchesi (2015), podemos verificar que o encaixamento pressupõe fases contínuas de covariação, ou seja, de embates/lutas entre formas vivas na comunidade de fala. A formação do *desde* destacou-se por uma fase em que a forma *des* era tida como a usual, havendo censura explícita à repetição da preposição de aposta ao *des*. *Desde* e *des* sobreviveram por alguns séculos e, posteriormente, a forma *des* passou a ser não mais utilizada, prevalecendo a forma outrora “redundante”.

A transição, por outro lado, apontada por Labov (1972) ocorre de maneira contínua, havendo fases intermediárias, as quais coexistem e concorrem, diminuindo progressivamente o uso de uma variante em relação a outra até que a mudança seja efetivada (Cf. COELHO *et al.*, 2015, p. 101).

Após apresentar os aspectos relevantes do Funcionalismo e da Sociolinguística que fundamentaram nossa teoria, nos dedicaremos na seção seguinte a discorrer sobre os procedimentos metodológicos.

5. *Procedimentos metodológicos*

Para a realização da análise, será feito um levantamento bibliográfico em dicionários, gramáticas (históricas, normativas, descritivas), ma-

nuais dialetológicos e filológicos, textos específicos de dialetologia do Português do Brasil. Além disso, será utilizado o método indutivo-dedutivo e sociolinguístico.

Os *corpora* utilizado é do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo – Grupo Janus, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, nas variedades do português popular (menos de 5 anos de escolarização) e culto (mais de 11 anos de escolarização) de Vitória da Conquista-BA.

As ocorrências extraídas foram da preposição *desde* e de sua variante *desde de*, levando-se ainda em consideração os aspectos linguísticos e extralinguísticos (sexo, escolaridade e faixa etária).

Por fim, a pesquisa conta com uma ferramenta de software: o programa *GoldVarbX*, que gera dados quantitativos para análise e comparação de forma mais precisa.

Após apresentar os procedimentos metodológicos nesta seção, passaremos para a análise propriamente dita.

6. Análise dos dados

Na análise realizada, nos ateremos ao processo de gramaticalização sofrido pela preposição *desde* e de sua variante *desde de*, bem como aos aspectos linguísticos e extralinguísticos referentes ao falar conquistense.

De acordo com a análise, a forma mais recorrente é a variante *desde de* (não canônica) que não se encontra em nenhum dicionário. O processo de variação acabou desencadeando a mudança, sendo *desde de* uma variante de *desde*. Se houver, a mudança será muito mais lenta, visto que o nível de gramaticalização e frequência de uso são baixos.

Contudo, *desde de* é considerada a forma mais inovadora, além de ser a mais recorrente, visto que o falante escolhe a inclusão da preposição *de* por ser mais dinâmica e indicar particularidades que a preposição *desde* sozinha não daria conta.

Tendo em vista as preposições *desde de* e *desde*, serão observados por meio das tabelas 1 e 2, gráfico 1 e 2, alguns dos aspectos referentes ao uso de tais preposições no falar conquistense.

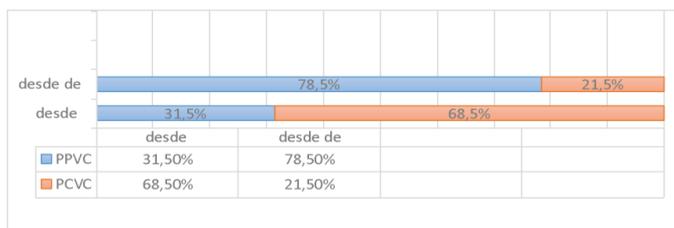
Tabela 1: Ocorrências do *desde* e *desde de* no Português Popular e Culto.

Preposição	Ocorrências	Percentual
Desde	76/91	83,5%
Desde de	15/91	16,5%

Fonte: Elaboração dos autores.

Conforme a tabela 1 é possível verificar que há um número expressivo de ocorrências com a forma *desde de* (15). Sendo que, *desde de* não é uma estrutura canônica, e portanto, se contrapõe a hipótese de que tal estrutura seria utilizada somente pelos falantes do português popular.

Gráfico 1: Comparativo *desde* e *desde de* nos corpora PPVC e PCVC .



Fonte: Elaboração dos autores.

De acordo com os dados do gráfico 1, a estrutura *desde de* também ocorre no Português Culto de Vitória da Conquista. Nota-se que o *corpus* do português culto se apropria da forma mais inovadora. no entanto, ao isolarmos as ocorrências na comparação entre as duas estruturas, percebemos que no português popular temos uma frequência maior de *desde de* (78,5%) do que no português culto em relação ao uso da preposição *desde* (68,5%).

Relacionado às funções do *desde de* e *desde* em Vitória da Conquista, verifica-se na tabela 2 que *desde de* não aceita outra função a não ser a temporal. Diferentemente *desde* que apresenta as funções temporal, espacial e nocional.

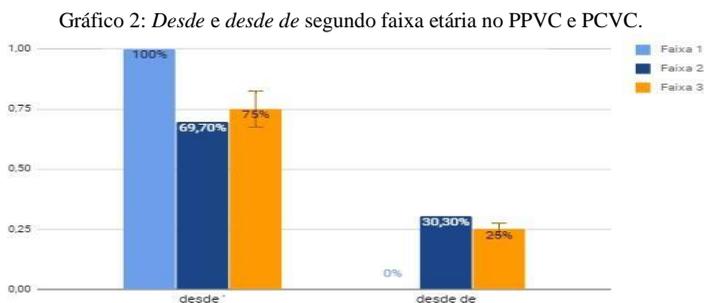
Tabela 2: Comparação *desde* e *desde de* referente à função no PPVC e PCVC.

	Desde	Percentual	Desde de	Percentual
Tempo	70/76	92%	15/15	100%
Espaço	3/76	4%	0/15	0 %
Noção	3/76	4%	0/15	0 %

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere a faixa etária dos conquistenses, foi observado no gráfico 2 que a preposição *desde de* é preferível pelos adultos e idosos. E por sua vez, *desde* (canônica) é preferida pelos mais jovens

(100%).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Já em relação ao sexo dos falantes de Vitória da Conquista, as mulheres tendem a preservar a forma canônica *desde* por geralmente, levar um estilo de vida mais reservado. Por outro lado, os homens, tendem a utilizar as formas não-canônicas e, portanto, são os que realizam *desde de*.

Os falantes de Vitória da Conquista, do sexo masculino (58,2%), utilizaram as preposições estudadas. Mais notável é quando dividimos o percentual geral, onde temos 89,5% usando a preposição *desde*, constando com as mulheres que representam apenas 10,5% das ocorrências. Se compararmos ao uso de *desde de*, as mulheres tendem a realizar mais do que a forma prototípica (20,8%). Desse modo, conclui-se que os homens realizam mais as preposições *desde* e *desde de*, as mulheres preferem mais *desde de* do que a forma canônica.

7. Considerações finais

Este trabalho apresentou um estudo acerca da preposição *desde* e de sua variante *desde de* no falar conquistense, possibilitando assim, um melhor aprofundamento sobre a história social da Língua Portuguesa. Uma história constituída pelo português culto e popular e que contribuiu para a compreensão dos usos e das formas empregadas da preposição *desde* e de sua variante *desde de*.

Por meio da análise que foi realizada com as preposições *desde de* e *desde* no falar conquistense, observou-se que *desde de* não se restringe somente ao português popular, mas sim pode ocorrer no português culto.

Além disso, no tocante à função, *desde de* assume apenas a função temporal, diferindo-se, portanto, de *desde*, que assumem as funções de tempo, espaço e noção. No que diz respeito à faixa etária, a forma *desde de* é preferida entre adultos e idosos e *desde é* preferida entre os mais jovens. Já relacionado ao sexo, foi perceptível que os homens utilizam mais o *desde de* e as mulheres tendem a usarem o *desde*. No entanto, as mulheres preferem muito mais a forma não canônica do que a canônica.

Portanto, entendendo a importância do estudo das preposições, esperamos que este artigo possa auxiliar as futuras análises sobre as preposições e que contribua com a delimitação do mapa linguístico do Português Culto e Popular de Vitória da Conquista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. v. 3.

BOLINGER, B. *Meaning and Form*. London: Longman, 1977.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

COELHO, I. L. *et al.* (Org.). *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2015.

CUNHA, M. A. F. da. *et. al.* Pressupostos teóricos fundamentais. In: _____. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 29.

HOPPER, P. J. *On some Principles of Gramaticization*. Pittsburgh, Pensilvânia: Carnegie Mellon University, 1991.

_____; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____; _____. *Gramaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. de M. Bagno; M.M.P. S-cherre; C.R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2006 [1972].
- LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da língua moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Confluência, 1967.
- MAIA, C. A. *História do Galego-Português*. Fundação Calouste Gulbenkian: reimpressão da edição do INIC, 1986.
- MARTINET, A. *Elementos de lingüística geral*. 2. ed. rev.. Madrid: Gredos, 1969.
- NASCENTES, A. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 3. ed. Lisboa: Delta, 1974. (V. 5)
- NEVES, M. H. M. *A Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RAVIZZA, P. J. *Gramática Latina*. 9. ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.
- RUBIO, L. *Introducción a La Sintaxis Estructural del Latin VII*. México: Ariel, 1976.
- SILVA, A. M. *Grande Dicionario da Lingua Portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense, 1918. (V. 1)
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington: Georgetown University Press. 2001.
- TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1997.
- WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M.E. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.